

Loki como representação do caos e da ordem na mitologia Viking.

Flávio Guadagnucci Palamin

O texto objetiva a análise de Loki enquanto representação da interdependência do caos e da ordem na mitologia Viking. Para tanto, partindo do conceito de representação de Chartier (2002), discutiremos as maneiras como o deus é apresentado na *EddaPoética*.

A atual compilação da *Edda Poética* é constituída por trinta e seis poemas escritos entre os séculos X e XII, todos de autoria anônima, divididos “em duas seções, a primeira lida com o material mitológico e a segunda com poemas sobre figuras heróicas.” (HOLMAN, 2003, p.218-219). Desse modo, os poemas mitológicos têm como protagonistas os deuses, enquanto nos poemas heroicos esses são coadjuvantes nas narrativas.

Os poemas são originados de uma mais antiga tradição oral, que perdurou durante toda a Era Viking (700/800 d.C. a 1030/1125 d.C.). Consideramos que, somada à *Edda em Prosa*, do islandês Snorri Sturluson (1179-1241), a *Edda Poética* apresenta o melhor conjunto de narrativas mitológicas e da religiosidade Viking.

Desse modo, trabalhamos com mitos, que, entre outras coisas, são as narrativas de um determinado povo sobre sua maneira de representar o modo como se veem e as percepções sobre o mundo no qual se inserem. Para pensarmos a relação mito e história, um questionamento feito por Chartier nos parece um importante ponto de partida: “A ‘verdade’ que [a história] produz é diferente da que produzem o mito e a literatura?” (2009, p.13).

A pergunta pode alcançar as mais variadas respostas, porém, metodologicamente concordamos com Mircea Eliade, no que concerne à necessidade de tratar os mitos como um relato que “só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente”. (1992, p.50). Mais precisamente, entendemos que “o mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo”. (ELIADE, 1992, p.50). Esses mitos encontram-se na esfera do sagrado, agindo como modelo

10.4025/6cih.pphuem.502
exemplar e ditando o modo de se viver na sociedade. Nesse sentido, devemos compreender ainda que:

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem. É verdade que a maior parte das situações assumidas pelo homem religioso das sociedades primitivas e das civilizações arcaicas há muito tempo foram ultrapassadas pela História. Mas não desapareceram sem deixar vestígios: contribuíram para que nos tornássemos aquilo que somos hoje; fazem parte, portanto, da nossa própria história. (ELIADE, 1992, p.97)

Devido à abordagem fenomenológica de Eliade, incorrem ainda algumas dificuldades em justificar o estudo dos mitos dentro da narrativa histórica. O período em que se deu a formação da *Edda Poética* era caracterizado prioritariamente pela tradição oral. Seguindo essa linha, entendemos que nossas fontes são um produto da memória da sociedade e dos poetas escandinavos. Sobre esse aspecto, tornam-se importantes as discussões de Chartier (2009) acerca das diferenciações entre memória e história, com base nas ideias de Paul Ricoeur (2008). Para esses autores, é notório, entre os historiadores atuais, o entendimento de que o conhecimento produzido por eles é apenas um dentre os vários tipos de conexões que as sociedades mantêm com o passado. Tanto algumas obras de ficção, como a própria memória, coletiva ou individual, remetem ao passado talvez até mais que a historiografia. (CHARTIER, 2009, p.21). Longe de querer colocar a memória contra a história, a intenção dos autores é “mostrar que o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que foi e não é mais.” (CHARTIER, 2009, p.23). Ao considerarmos que “a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é” (CHARTIER, 2009, p.24), acreditamos ser viável a inserção dos estudos dos mitos dentro de uma perspectiva historiográfica. Em outras palavras:

Só o questionamento dessa epistemologia da coincidência e a tomada de consciência sobre a brecha existente entre o passado e sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem ocupar o lugar desse passado permitiram o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida como uma escritura sempre construída a partir de

10.4025/6cih.pphuem.502

figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção. (CHARTIER, 2009, p.12)

Atentando ainda para o uso que faremos do conceito de “representação”, entendemos que este se relaciona com o mundo social de três maneiras:

Primeiro, o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 2002, p.73).

Lindow (2002) considera que os mitos certamente tinham algum valor de verdade para as pessoas que compuseram os poemas e mesmo para as que os escreveram, séculos depois, referente ao que era sagrado e às formas de se viver no mundo. Segundo o autor, espera-se que os mitos “contem eventos importantes que aconteceram no início do tempo e auxiliem a moldar o mundo, e a mitologia escandinava de fato possui sequências da origem do cosmos e dos seres humanos.” (LINDOW, 2002, p.1).

O panteão dos deuses vikings era dividido entre os *Aesir*, principal grupo, com os *Vanir* em oposição a eles. Lindow (2002, p.49-51) discute a etimologia da palavra na qual *áss* (singular de *Aesir*) deriva da raiz indo-europeia que significa respiração, aqui associada à vida e às forças que dão vida. Em islandês medieval, a palavra era geralmente usada para mencionar o conjunto dos deuses. Ainda segundo Lindow, a forma singular do termo aparentemente estava ligada ao deus *Thor*, sendo que, por vezes, *Thor* era mencionado como *Ása-Thor* (*Thor* dos *Aesirs*). “Nenhum outro deus é descrito dessa forma, e tem sido sugerido que essa extensão do nome significa que ele foi considerado como o melhor dos *Aesir*.” (LINDOW, 2002, p.50).

Snorri Sturlusson, na *Ynglinga saga* e em sua *Edda*, define *Aesir* como “homens da Ásia”. Podemos interpretar isso como resultado da influência cristã, ao entender que os deuses eram antigos heróis vindos de Tróia. Os antigos

10.4025/6cih.pphuem.502
escandinavos, afastados de Deus, veneraram tais heróis como deuses (DAVIDSON, 2004, p.20-21).

A partir do *Voluspo*, da *YnglingaSaga* e *EddaemProsa* temos conhecimento da guerra entre os *Aesir* e os *Vanir*. Na realidade, as fontes apresentam mais informações sobre a reconciliação dos dois grupos do que sobre a batalha em si.

21. A guerra eu me lembro, | a primeira no mundo, Quando os deuses com lanças | feriram Gollveig, e no salão | de Hor queimaram-na, três vezes queimada, | e três vezes nascida, frequente e mais uma vez, | mas sempre ela vive. (VOLUSPO, 21)

Os motivos que levaram à guerra não são claros, mas, a partir do *Voluspo*, podemos supor que o fato da deusa *Freyja*, dos *Vanir*, ter ‘corrompido’ os *Aesir* com a *seidr* - Segundo Langer (2005, p.69) um tipo de magia divinatória e profética, de caráter xamânico, utilizada para “prever o futuro, aprisionar, causar doenças/desgraças ou matar” (LANGER, 2005, p.69), praticada principalmente por mulheres e atribuía conotação homossexual ao homem que a praticasse -, tenha precipitado o conflito (LINDOW, 2002, p.52). Na passagem seguinte, a deusa assume o papel de *Heith*:

22. Heith eles a chamaram | quem procurou a casa deles, A bruxa com ampla visão, | em magia sábia; Mentos ela fascinou | que foram movidas por sua magia, Para as mulheres más | a alegria ela foi. (VOLUSPO, 22)

A guerra chega a uma trégua, com troca de reféns em sinal de boa-fé com os *Aesir* saindo vitoriosos. A *Ynglingasaga* conta que os *Aesir* ofereceram os deuses *Hoerir* e *Mímir* e, em troca, os *Vanir* mandaram *Kvasir*, *Njord*, *Frey* e *Freyja*.

38. "Pela décima vez me responda agora, | se tu sabes todo destino que é fixado para os deuses: Onde veio *Njorth* | à família dos deuses, - (Rico em templos | e santuários ele governa, -) Apesar de que dos deuses ele nunca fez parte?" 39. "Na casa do *Wanes* [*Vanir*] | os sábios criaram-no, e lhe deram como sinal de boa-fé para os deuses; Na queda do mundo | ele deve avistar mais uma vez o Lar dos *Wanes* tão sábios." (VAFTHRUTHNISMOL, 39-40)

10.4025/6cih.pphuem.502

“Os *Vanir* são os mais típicos poderes da fertilidade” (STEINSLAND, 1992, p.144) e a eles eram dirigidos os *blóts* (sacrifícios) para a fertilidade da terra (O'DONOGHUE, 2007, p.42).

O'Donoghue comenta que, além de possuírem a *seidr*, os *Vanir* também praticavam o incesto, exemplificado com *Njörd* e sua irmã terem como filhos *Frey* e *Freyja*. Tal costume, que caracterizava os *Vanir*, era proibido entre os *Aesir* e é extinto quando da incorporação dos *Vanir* em *Ásgard* (O'DONOGHUE, 2007, p.43). Podemos concluir que tal prática era reprimida entre os Vikings. O fato de *Loki* dirigir uma ofensa à *Freyja* dizendo que ela manteve relações com o irmão, pode ser tomado como indício:

32. "Fique em silêncio, Freyja | Tu, a mais imunda das bruxas, e mergulhada em pecado; Nos braços de teu irmão | os deuses brilhantes te flagraram." (LOKASENNA, 32)

Se de um lado temos os deuses, que organizam e governam o mundo a partir de máximas estabelecidas pelos mesmos, do outro temos os gigantes, “poderes primitivos que querem destruir a ordem dos deuses”(STEINSLAND, 1992, p.144).

Entretanto, tal relação, desde o início, se mostra tanto antagônica quanto interdependente: a criação do cosmos é feita, pelos deuses, a partir da morte do gigante *Ymir*, a primeira criatura viva, que representa o próprio caos.

Como apontam Bagge e Nordeide, “A relação entre estas duas "tribos" não corresponde à que existe entre o bem e o mal no cristianismo, nem eram eles sempre inimigos.” (2007, p.124).

Para Christiansen (2002, p.255), o mais correto é conceber a representação da relação entre deuses e gigantes dentro de um esquema no qual a ‘ordem’ (os deuses) luta contra o ‘caos’ (gigantes). Para o autor, “o bem tem que vencer no fim; mas ordem e caos são necessários um ao outro e a luta entre eles continuará.” (CHRISTIANSEN, 2002, p.255)

Apesar da constante ameaça da ordem pelos gigantes, os deuses eram seus dependentes, pois aqueles possuíam sabedoria e habilidades que os deuses necessitavam (ROESDAHL; SØRENSEN, 2003, p.131). Essa relação é bem documentada nas *Eddas*, quando *Odin* rouba o hidromel que concede o dom da

10.4025/6cih.pphuem.502
poética e que pertence ao gigante *Suttungr*. Tal narrativa é encontrada somente na *EddaemProsa* (STURLUSON, 2006, p.94-97).

É este conceito de mundo como uma pluralidade de vulnerabilidades que torna a cosmologia nórdica tão dinâmica e colorida. Não é dualista como é a visão de mundo cristã, onde o bem se opõe ao mal, em vez disso, a cosmologia nórdica é caracterizada pela interação entre todas as várias forças da existência.(STEINSLAND, 1992, p.147)

Em nossa opinião, *Loki* é o deus que melhor representa tais concepções gerais da mitologia Viking; é o deus que cria diversas adversidades para os deuses, mas é a ele que recorrem quando algo errado acontece, mesmo sabendo que tenha sido o próprio *Loki* o causador de tal problema.

A ideia de que o deus representa o caos e a ordem simultaneamente é corroborada pelo fato de que *Loki*, apesar de viver junto dos *Aesir*, não é um deles

Loki falou: 9. "Lembre-se, *Odin*, | Que antigamente nós dois nosso sangue misturamos;. Então tu fizeste promessa | não servir nenhuma cerveja, a menos que fosse trazida para nós dois"

Ithun falou: 16. "Bem, acalme-se, *Bragi*, | o pesar do parentesco dele é grande, Pois escolhido como filho adotivo ele foi, e não fale com *Loki* | tais palavras de pesar Aqui dentro do palácio de *Aegir*." (LOKASENNA, 9; 16)

Existe dúvida se a mãe de *Loki* seria uma gigante ou uma *Aesir*. Todavia, em uma sociedade patriarcal, como a Viking, *Loki* só pode ser considerado um gigante, tendo em vista que seu pai é o gigante *Fárbauti*. (LINDOW, 2002, p.216)

Ainda no passado mitológico, *Loki* tem três filhos que desempenham papéis importantes ao longo da mitologia Viking: a serpente *Midgard*, o lobo *Fenrir* e a terceira filha, *Hel*, deusa do mundo dos mortos, sendo que todos os três filhos são frutos de sua relação com a ogra *Angrboda*.

Apesar de tudo isso, durante o presente mítico, sua fidelidade é depositada nos *Aesir* e frequentemente *Loki* sacrifica sua honra por eles. Na *EddaPoética*, no poema *Thrymskvitha*, ele se traveste de mulher, fingindo ser serva de *Freyja*:

10.4025/6cih.pphuem.502

20. Em seguida, falou Loki, | filho de Laufey: "Como a tua criada | Eu vou contigo; Nós dois com pressa devemos ir | para a morada dos gigantes." (THRYMSKVITHA, 20)

Na *Edda em Prosa* (STURLUSON, 2006, p.53-56) é narrado que, após a guerra entre os *Aesir* e os *Vanirs*, *Ásgard* estava destruída. Um gigante ofereceu seus serviços para reconstruir a cidadela e, como pagamento, exigiu a deusa *Freyja*, o sol e a lua. Os deuses concordaram com os termos, desde que o gigante terminasse o serviço no período de um inverno e nem um dia a mais e que fizesse a construção sem a ajuda de ninguém.

Para dar conta de tal empresa, o gigante pediu para usar seu cavalo *Svadilfari*. Os deuses ficam indecisos, mas *Loki* intercedeu pelo gigante e a solicitação foi aceita. Para o espanto dos deuses, o cavalo trabalhava mais do que o gigante e, faltando três dias para o fim do inverno, a construção estava quase pronta.

Os deuses culpavam *Loki* pelas aflições que iriam atingi-los caso o gigante cumprisse sua parte no acordo e ameaçaram-no com violência. Amedrontado, *Loki* transformou-se em uma égua e seduziu *Svadilfari*, afastando-o de seu dono. Sem a ajuda do cavalo o gigante não conseguiu terminar a construção e tomado pela fúria dos gigantes partiu para cima dos deuses. Nesse momento, *Thor*, que estava em uma viagem matando *trolls*, retornou e, com seu martelo *Mjöllnir* destruiu o crânio do gigante. Após algum tempo, *Loki* retornou com um presente para *Odin*: o cavalo de oito patas *Sleipnir*, fruto da sua relação com o cavalo *Svadilfari* (STURLUSON, 2006, p.53-56).

Concordamos que tais narrativas definitivamente "não são algo que aumentaria a reputação de um homem na sociedade hiper-masculina islandesa medieval."(LINDOW, 2002, p.217). Sem dúvida, as principais ações de *Loki* estão ligadas ao presente/futuro mitológico.

Entretanto, muitas das ações tomadas pelo deus, no passado e presente mitológico, merecem destaque, principalmente por estarem diretamente ligadas a tal futuro. Podemos imaginar que "*Odin* entrou na irmandade de sangue com *Loki*, a fim de adiar o futuro conflito mortal com ele. Se sim, *Odin* falhou."(LINDOW, 2002, p.218).

10.4025/6cih.pphuem.502

No poema *BaldrsDraumar* (entendendo a narrativa como o ato que inicia o *Ragnarok* – o fim dos deuses), podemos observar as ações finais de *Loki*, enquanto representante do caos. Na história, após saber de um sonho que seu filho *Baldr* tivera, o deus *Odin*, montado em seu cavalo de oito patas, *Sleipnir*, faz uma jornada até os domínios da deusa *Hel*, local para onde vão aqueles que morrem fora de batalha ou fazem o mal em vida. Lá, *Odin* invoca, entre os mortos uma profetisa para lhe explicar o sonho de *Baldr*, o mais nobre e belo dos deuses e esta lhe conta como *Baldr* irá morrer e os eventos que sua morte desencadeará.

Othinfalou: 6. "Vegtam (o andarilho) meu nome, | Eu sou o filho de Valtam (o lutador); Fala tu do inferno, | pois do céu eu sei: Para quem são os bancos | brilhante com anéis, E as plataformas | enfeitadas com ouro "? *Falou a mulher sábia*: 7. "Aqui para Baldr | o hidromel é fabricado, A bebida brilhante, | e um escudo paira sobre ele; Mas a esperança dos deuses poderosos | se foi. Relutante falei, | e agora calada ficarei". *Othinfalou*: 8. "Mulher sábia, não pare | | busco de ti Tudo saber | que eu de bom grado perguntarei: Quem será a | perdição de Baldr, E irá roubar a vida | do filho de *Odin* "? *Falou a mulher sábia*: 9. "Hoth irá carregar | o famoso ramo, Ele deverá se tornar | a ruína de Baldr, E roubar a vida | do filho de *Odin*. Relutante falei, | e agora calada ficarei." *Odinfalou*: 10. ""Mulher sábia, não pare | | busco de ti Tudo para saber | que eu de bom grado perguntarei: Quem deve ganhar vingança | para esse feito mal, Ou trazer às chamas | o assassino de Baldr? " 14. "cavalgue para Casa, *Odin*, | seja sempre orgulhosos; Pois nenhum homem | deverá procurar-me mais Até que *Loki* passeie | solto de suas amarras, E para o ultimo conflito | os destruidores venham ". (BALDRS DRAUMAR, 6-10,14)

Completando a narrativa, no final do *Voluspo*, após a *Volva* demonstrar seu conhecimento para *Odin* contando os acontecimentos do início do cosmos, ela faz a profecia do fim dos deuses para *Odin*.

A *Volva* diz que: Para todos os lados que olhava, via *valkyrias* a montar, prontas a cavalgar junto aos deuses: *Skuld* segurou seu escudo e *Skogul* montou em seguida. As *Valkyrias* estavam prontas para cavalgar sobre a terra. Eu vi o filho de *Odin*, *Baldr*, famoso e justo, entre os nobres. Vi seu destino definido, sangrando perante o visco. O ramo que parecia tão inofensivo veio nocivamente disparado por *Hoth*, que, cego desde que nascera, foi enganado por *Loki*. Mas os deuses descobriram tal artimanha e prenderam *Loki* em uma caverna, onde deverá permanecer até o final sob o gotejar de veneno da serpente, que sua mulher *Sigyn*

10.4025/6cih.pphuem.502

recolhe com um cálice. Mas sempre que o cálice está cheio e ela o esvazia, uma gota cai sobre a cabeça de *Loki*. Nesse momento, a terra treme. Eu vi um salão, longe do sol. Ficava nos domínios de *Hel*, em *Nastrond*, com suas portas voltadas para o norte. Lá eu vi os mortos traidores, assassinos, dos quais *Nithhogg* sugava o sangue e os lobos os dilaceravam. Eu vi os filhos de *Fenrir*, *Skoll* e *Hati*, roubarem o sol e a lua dos céus. Então o galo *Fjalar* acorda os gigantes para a batalha final. *Gollinkambi* faz o mesmo na morada dos deuses e acorda os heróis, no salão de *Odin*, para a batalha que estes tanto aguardam. Um terceiro galo canta, acordando aqueles dos domínios de *Hel* e o cão *Garm* late diante da entrada do mundo dos mortos. E agora vejo *Fenrir* livre. Muitas coisas eu sei e mais ainda eu vejo, do destino dos deuses, poderosos em batalha. Irmãos lutaram entre si e caíram. Chegou o tempo da espada, o tempo do escudo, o tempo do machado e o tempo do lobo. Chegou o tempo do mundo cair. *Heimdall* sopra a corneta avisando os guerreiros de *Asgard* que os gigantes, os mortos de *Niflheim* e todos os inimigos dos deuses se aproximam de suas moradas. Do leste se aproxima *Hrym*, o líder dos gigantes, com suas tropas. Pelo norte vem *Naglfar*, o navio feito com as unhas dos mortos, liderados por *Loki*, que finalmente se livrara de sua prisão, trazendo junto dele as pessoas de *Hel*. Do sul vem *Surt*, o gigante governante do mundo de fogo e *Muspelheim*, brandindo sua espada de fogo, queimando tudo por onde passa. Batalhas eu vejo, onde um por um vão caindo. *Odin* é morto por *Fenrir*. *Freyr* sai à procura de *Surt*. *Vithar* vinga seu pai ao matar o grande lobo. *Thor* finalmente derrota a grande serpente dos mares, mas cai morto, logo em seguida, por seu veneno. O sol se tornou preto e o fogo de *Muspelheim* queima os céus e a terra. Mas agora eu vejo, uma terra renascer com as ondas no mar, os verdes campos, as Cataratas derramando suas águas e as águias voando. Vejo *Baldr* e *Hoth* voltando à vida e reunindo-se em *Valhall*. Uma nova era de paz vai surgir (VOLUSPO, 30-66).

Assim, o fim do mundo é algo inevitável. As ações de *Odin*, após ouvir a profecia, não são para evitar o *Ragnarok*, mas sim para se preparar para ele. A construção do *Valhall* e a escolhas dos guerreiros mortos foram estratégias empregadas para, ao menos, oferecer resistência ao fim de tudo, onde humanos lutarão ao lado dos deuses contra os gigantes e, mais interessante, contra os mortos que eram traidores e assassinos e, por isso, foram mandados para *Hel*. E que não

se trata de um fim, mas de um recomeço, concepção bem difundida em várias sociedades. Como diz Eliade:

Numa fórmula sumária, poder-se-ia dizer que, para os primitivos, o Fim do Mundo já ocorreu, embora deva reproduzir-se num futuro mais ou menos distante. Com efeito, os mitos de cataclismos cósmicos são extremamente difundidos. Eles contam como o Mundo foi destruído e a humanidade aniquilada, com exceção de um casal ou de alguns sobreviventes. (ELIADE, 1972, p.42)

Eliade (1972, p.46) ainda argumenta que os mitos escatológicos representam a necessidade da destruição de um cosmos em processo de degradação, para obter sua renovação.

Como discutimos, as relações deuses/gigantes e ordem/caos não representam uma dualidade bem/mal, mas sim uma interdependência - fato que pode explicar a aceitação de *Loki* entre os *Aesir*. As narrativas de *Loki*, aqui discutidas, mostram o deus ajudando na proteção dos deuses (na reconstrução de *Asgard*) e participando de sua destruição (na morte de *Baldr* e no *Ragnarok*). A aceitação de *Loki* como um dos *Aesir* sua descendência dos gigantes (representantes, respectivamente da ordem e do caos), fazem do deus um importante objeto de análise para tais concepções da religiosidade Viking.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

BALDRS DRAUMAR In: *The Poetic Edda: the mythological poems*. Introdução, tradução e notas de Henry Adams Bellows. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2004. p.195-200.

10.4025/6cih.pphuem.502

LOKASENNA In: *The Poetic Edda: the mythological poems*. Introdução, tradução e notas de Henry Adams Bellows. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2004. p.151-173.

THRYMSKVITHA In: *The Poetic Edda: the mythological poems*. Introdução, tradução e notas de Henry Adams Bellows. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2004. p.174-182.

VAFTHRUTHNISMOL In: *The Poetic Edda: the mythological poems*. Introdução, tradução e notas de Henry Adams Bellows. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2004. p.68-83.

VOLUSPO In: *The Poetic Edda: the mythological poems*. Introdução, tradução e notas de Henry Adams Bellows. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2004. p.1-27.

STURLUSON, Snorri. *The Prose Edda: tales from Norse mythology*. Introdução, tradução e notas de Arthur Gilchrist Brodeur. Mineola, New York: Dover Publications, INC., 2006.

BIBLIOGRAFIA

BAGGE, S.; NORDEIDE, S. W. The kingdom of Norway. In: BEREND, Nora. *Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p.121-166.

CHARTIER, Roger. *Á Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

CHRISTIANSEN, Eric. *The Norsemen in the Viking Age*. Oxford: Blackwell Publishing, 2002.

DAVIDSON, Hilda Roderik Ellis. *Deuses e Mitos do Norte da Europa: uma mitologia é o comentário de uma era ou civilização específica sobre os mistérios da existência e da mente humanas*, São Paulo: Madras, 2004.

ELIADE, M. *Mito e Realidade*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

10.4025/6cih.pphuem.502

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

HOLMAN, Katherine. *Historical Dictionary of the Vikings*. Oxford: The Scarecrow Press, 2003.

LANGER, Johnni. Religião e Magia entre os Vikings: Uma Sistematização Historiográfica. *Brathair* 5 (2), 2005: 55-82. (<http://www.brathair.com>) acesso em 13/08/2008, 15:30.

LANGER, J. Midvinterblot: O Sacrifício Humano na Cultura Viking e no Imaginário Contemporâneo. *Brathair* 4 (2), 2004: 61-85. (<http://www.brathair.com>) acesso em 15/08/2008, 16:30.

LINDOW, John. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. New York: OxfordUniversity Press, 2002.

O'DONOGHUE, Heather. *From Asgard to Valhalla: The Remarkable History of the Norse Myths*. London: I.B. Tauris, 2007.

RICOEUR, P. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

STEINSLAND, G. Scandinavian Paganism. In: ROESDAHL, Else; WILSON, David M., (organizadores). *From Viking To Crusader: Scandinavia and Europe 800-1200*. New York: Rizzoli, 1992. p.144-151.